Eric Cyon Rodrigues*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i2p296-329

Resumo: Após os Ataques de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos iniciaram uma campanha militar de guerra ao terrorismo. Nesse contexto, os conceitos de "choque de civilizações", cunhado pelo cientista político Samuel Huntington, e o de "cruzadas" se tornaram muito frequentes nos debates políticos e na imprensa. Essas ideias foram apropriadas para definir a natureza dos conflitos entre as nações e o terrorismo. Uma década mais tarde, com a ascensão da extrema-direita brasileira, apropriações semelhantes foram feitas no Brasil. O objetivo deste artigo é analisar como esses conceitos, advindos de debates acadêmicos e de diferentes períodos históricos, foram apropriados por narrativas que associam os Estados Unidos e o Brasil à uma luta civilizacional em defesa do Ocidente. Para isso, utilizaremos artigos de imprensa, discursos de dirigentes políticos e produções audiovisuais (documentário e podcast). Através desse material, será possível observar como as relações entre os cristãos e os muçulmanos no período medieval foram retratadas, tanto em discursos políticos quanto em opiniões na imprensa e na internet, de forma a demonstrar como as supostas civilizações Ocidental e Islâmica inevitavelmente se confrontaram por conta de suas diferentes culturais. Portanto, de acordo com essas apropriações, as cruzadas seriam parte de uma guerra secular entre o Ocidente e os Oriente, demonstrando a impossibilidade das civilizações conviverem em paz.

Palavras-chave: Apropriações contemporâneas, América, Choque de civilizações, Cruzadas:

^{*} Graduando em História na Universidade de São Paulo (USP), membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME-USP). Atualmente, desenvolve uma pesquisa de Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Marcelo Cândido da Silva (DH-FFLCH/USP), e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Contato: cyon.eric@usp.br. Agradeço ao professor Bruno Tadeu Salles, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pelos comentários e pelas discussões, fundamentais para o desenvolvimento das reflexões discutidas no texto.



Introdução

As cruzadas foram uma série de expedições armadas entre os séculos XI e XIII com o objetivo, na maior parte das ocasiões, de conquistar Jerusalém (TYERMAN, 2004, p.1-18). Setecentos anos depois e elas ainda são um assunto frequente em obras acadêmicas. Atualmente, graças a muitos debates e pesquisas, os historiadores estão conscientes da natureza plural e complexa das cruzadas. Sem dúvida, elas possuíram um caráter religioso, onde as indulgências, a retomada do Santo Sepulcro e o combate ao infiel desempenharam um papel motivador para o estopim dos conflitos. Contudo, questões políticas e militares do contexto também devem ser levadas em conta.

Se tomarmos a Primeira Cruzada como exemplo, a presença de exércitos turcos ameaçando os territórios do Império Bizantino ou o interesse em auxiliar militarmente os cristãos do Oriente também foram elementos presentes na mensagem do papa Urbano II e nas motivações dos cruzados. Portanto, seria um erro definir as cruzadas como um movimento meramente religioso dos participantes ou puramente político e do interesse do papado (FLORI, 2013, p. 19-30). Quanto mais os estudos cruzadistas debatem em torno do assunto, mais evidente essa complexidade se torna.

Apesar disso, outros problemas acerca do tema surgem quando consideramos o interesse fora do campo acadêmico. Após os ataques ao *World Trade Center*, ocorridos em 11 de setembro de 2001, e do início da Guerra ao Terrorismo, lançada pelos Estados Unidos, as cruzadas retornaram ao centro do debate político. Diferentemente das interpretações e hipóteses levantadas pelos historiadores, baseados no rigor e em métodos científicos, novas interpretações sobre as cruzadas foram realizadas pela imprensa norte-americana e por líderes políticos. Como



consequência, uma nova definição se desenvolveu fora dos debates acadêmicos. Em seu processo de formação, duas ideias se destacam. A primeira delas diz respeito à existência de uma Civilização Ocidental, que desde o período medieval lutou para proteger a sua cultura diante de invasores bárbaros. Em segundo lugar, soma-se a ideia de que há um embate inevitável entre o "Ocidente" e o "Oriente", um choque de civilizações representado pelo conflito entre o terrorismo de origem fundamentalista e os Estados Unidos. Na junção desses elementos, emerge uma visão positiva e civilizacional da cruzada.

Porém, esses conceitos são muito posteriores aos eventos nos quais eles estão inseridos, principalmente a ideia de oposição entre a civilização do Ocidente e do Oriente. O assunto se torna ainda mais complexo quando consideramos a própria historicidade do conceito de cruzada. Ele veio a existir após mais de um século daquilo que definimos hoje como "Primeira Cruzada" (FLORI, 2013, p. 21). E mesmo então, não encontramos em nenhuma fonte medieval uma definição precisa das cruzadas ou uma palavra universal para se referir a elas (TYERMAN, 1988, p. 1-2). Logo, o próprio nome pelo qual denominamos essas expedições já traz consigo riscos que devem ser levados em conta pelos historiadores.

Por fim, quinze anos depois dos ataques de 2001, essa ideia contemporânea que vê nas cruzadas uma luta civilizacional e legítima, está presente no Brasil. Podemos observá-la em declarações públicas de políticos, além dela estar presente na internet, na forma de um documentário que relaciona a história brasileira ao movimento cruzadista, e também em um *podcast*, que define as cruzadas como responsáveis por terem salvado o Ocidente. Sendo assim, com base nessas fontes, observaremos como o conceito de choque de civilizações e de cruzadas foram apropriados no século XXI com o objetivo de construir narrativas que expliquem



conflitos geopolíticos contemporâneos e que inserem a história do Brasil como parte da história da Civilização Ocidental.

O "choque de civilizações": o paradigma de Samuel Huntington

Apropriações que consideram as cruzadas em um viés positivo não são uma novidade contemporânea. Desde as primeiras crônicas produzidas a respeito da Primeira Cruzada, já no século XII, as expedições eram consideradas como guerras sacralizadas e justas, seja para retomar Jerusalém como também para obedecer uma ordem dada diretamente por Deus (TYERMAN, 2011, p. 7-36). Já no século XVIII, em um contexto onde o colonialismo francês tentava se estabelecer no norte da África, as cruzadas foram resgatadas pela literatura francesa para traçar um paralelo entre os conflitos do presente e as expedições medievais. O objetivo da França, de acordo com essas comparações, seria o de levar aos povos bárbaros uma cultura superior, civilizada, e impedir que a barbárie, a crueldade e a violência dos povos orientais contagiasse o restante do mundo, assim como os cruzados fizeram (TYERMAN, 2011, p. 125-154). Logo, a novidade do nosso recorte não é o caráter positivo conferido às expedições, mas sim o caráter civilizacional do conflito: as cruzadas se tornam parte de uma narrativa da história do Ocidente, em que os Estados Unidos e o Brasil, herdeiros da cultura ocidental, lutam para defender a civilização dos bárbaros.

Assim, para compreendermos a construção dessa narrativa, será necessário recuar à última década do século XX, pois é nela que o conceito de "choque de civilizações" surgiu. Acreditamos que ele marca uma das principais diferenças entre essa ideia de cruzada e as anteriores. O seu uso por atores políticos será um dos pontos chaves para entendermos as apropriações das cruzadas no contexto do Ataque de 11 de setembro, nos Estados Unidos, e nos cinco últimos anos no Brasil,



com o aumento de discursos conservadores e reacionários. Dessa forma, abordaremos esses dois momentos em que as cruzadas são associadas à noção de civilização, influenciada pela obra de Huntington.

Em 1993, Samuel Huntington publicou um artigo chamado "O Choque de Civilizações?" em uma revista científica de Relações Internacionais, a *Foreign Affairs*. Os seus argumentos chamaram grande atenção, sendo a publicação da revista que mais provocou debates nos últimos cinquenta anos (HUNTINGTON, 1997, p.11). Três anos depois, Huntington publicou a obra "O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial" (1996), retomando suas ideias anteriores, mas com maior desenvolvimento e detalhes. Segundo o autor, as relações internacionais após o fim da Guerra Fria sofreram uma profunda mudança. A configuração política do mundo não seria organizada de acordo com diretrizes ideológicas, políticas ou econômicas. Ao invés disso, seria a dimensão cultural o fator determinante para as relações internacionais entre as nações do mundo.

Com o propósito de definir um novo paradigma para interpretar o cenário mundial, Huntington adotou o conceito de "civilizações". Para ele, a história da humanidade é a história das civilizações, com sua formação, desenvolvimento, apogeu e declínio (p. 44). O que constituiria uma civilização seria um grupo de elementos relacionados à sua cultura. Ela seria a identidade coletiva mais ampla possível, abrangendo diversas nacionalidades ou etnias (p. 47-48). Ou seja, diante dela, seria possível encontrarmos povos com diferentes línguas, costumes, sistemas políticos ou econômicos. Contudo, o que os uniria seria o pertencimento a esse grande grupo cultural, a civilização. Segundo sua exemplificação, alguém que nasceu e viveu em Roma poderia se identificar como um romano, um italiano, um cristão e, da forma mais abrangente, um ocidental (p. 48).



Para Huntington, o elemento fundamental para a constituição de uma civilização seria a religião (p. 54). Assim, ele definiu o que seriam as nove principais civilizações existentes no final do século XX: Ocidental, Africana, Islâmica, Sínica, Hindu, Ortodoxa, Latino-Americana, Budista e Japonesa (p. 50-54). É a partir dessa esquematização que as relações entre os países deveriam ser analisadas. As nações teriam seus interesses, alianças e conflitos moldados por elementos culturais ou civilizacionais. Com isso, Huntington concluiu o seguinte: dentre as centenas de conflitos que existiriam no mundo, os de caráter intercivilizacional receberiam maior atenção dos dirigentes políticos, pois eles teriam o maior potencial de escalonar para um conflito ainda maior, arrastando muitos países para uma grande guerra (p. 39-40).

As ideias de Samuel Huntington geraram numerosas discussões, nas quais vários estudiosos apoiaram, refutaram ou corrigiram seus argumentos. Como esses debates tomariam muito espaço e nos desviariam do nosso objeto central, utilizaremos a síntese e os argumentos de Andrej Tusicisny e Amartya Sen como base para discutirmos as críticas e as limitações em torno do conceito de "choque de civilizações". Ressaltamos que o nosso objetivo não é debater a melhor definição de "civilizações" e nem empregar tal termo em nossa análise. O que nos interessa é expor as limitações dessa ideia e observar como ela foi tirada de seu contexto acadêmico e adaptada em discursos políticos.

Podemos dividir as críticas à tese de Huntington em duas categorias: conceitual e empírica. O primeiro problema está logo na concepção do que seria uma civilização. O autor não explicou as razões para que a religião seja o divisor principal entre os grupos, além de não dizer o porquê de existirem especificamente nove principais civilizações (TUSICISNY, 2004, p. 487). Existem outras formas de se relacionar, como as relações políticas, classes sociais ou idioma. Por que a religião? Ao mesmo tempo,



esse critério é arbitrário. A China, o Japão e o Vietnã, por exemplo, são países que possuem grande parte de sua população ligada ao budismo. Entretanto, o Japão se situa em uma civilização diferente, enquanto que os outros dois países estão no mesmo grupo. Há uma linha divisória entre a Civilização Ocidental e Ortodoxa, mas por que não há outra linha divisória entre o catolicismo e o protestantismo? (TUSICISNY, 2004, p. 487). Conforme Amartya Sen afirmou, a Índia foi incluída na Civilização Hindu, embora ela esteja entre os três países que mais possuem muçulmanos. Generalizar o país como hindu talvez agrade os fundamentalistas hinduístas, mas não reflete a forma pela qual todos os indianos se identificam (SEN, 2001).

Tratar das sociedades nessa visão é criar generalizações que não condizem com as especificidades de cada região. É dizer que um grupo de indivíduos se relaciona levando em conta um fator cultural que por vezes nem é determinante em suas relações. Da mesma forma, afirmar que a liberdade individual e a tolerância são valores presentes na história da Europa não significa que eles são intrínsecos à Civilização Ocidental. Afinal, em 1600, enquanto o Imperador Mongol Akbar defendia a tolerância religiosa, afirmando que qualquer um devia ser livre para escolher a sua religião, a Inquisição queimava o filósofo Giordano Bruno por defender ideias que eram contra os dogmas da Igreja Católica (SEN, 2001). Logo, esses elementos podem ser encontrados em qualquer uma das supostas civilizações, dependendo do recorte temporal e espacial que se leva em conta.

Em relação às críticas empíricas, tomaremos como base as conclusões obtidas por Andrej Tusicisny. Ele realizou um estudo utilizando conflitos que ocorreram no período da Guerra Fria (1946-1989) e pós-Guerra Fria (1990-2001), a partir de uma base de dados (*Uppsala Conflict Data Project*). O seu objetivo era analisar três



hipóteses levantadas na obra de Huntington: (1) conflitos intercivilizacionais são mais frequentes no período pós-Guerra Fria do que durante a Guerra Fria; (2) os conflitos intercivilizacionais no período pós-Guerra Fria são mais duradouros; (3) os conflitos intercivilizacionais no período pós-Guerra Fria são mais violentos (causam mais mortes) do que outros conflitos armados. Além disso, Tusicisny buscou analisar em seus dados se a Civilização Islâmica seria a mais conflituosa dentre todas as outras, e se grande parte de seus problemas envolveria a Civilização Ocidental, como Huntington afirma em sua obra (TUSICISNY, 2004, p. 486).

De acordo com os resultados divulgados em seu artigo, Tusicisny concluiu que o número de conflitos intercivilizacionais não possuiu um aumento em relação ao período anterior, durante a Guerra Fria. Na realidade, ele constatou uma queda não linear de conflitos dessa natureza desde 1946 até 2001. Da mesma forma, a intensidade (duração e número de mortes) dos conflitos não aumentou do primeiro período ao segundo. Por último, embora a Civilização Islâmica tenha tido a maior participação do número total de conflitos intercivilizacionais, aqueles relacionados com o Ocidente são marginais. Portanto, o paradigma do "choque de civilizações" de Huntington não serve como substituto completo de outros paradigmas (Realista ou Liberal) na tentativa de analisar o panorama político internacional. De toda forma, o autor considera que essa perspectiva possui sua relevância e representa um fenômeno importante, que deve ser estudado mais a fundo (TUSICISNY, 2004, p. 497).

Mesmo com problemas em sua base empírica e conceitual, o "choque de civilizações" se tornou um tema frequente na mídia estadunidense, principalmente a partir de setembro de 2001. Sua relevância pode ser observada em citações de suas ideias nos artigos de jornais, nos títulos das manchetes e nos discursos feitos por atores políticos importantes no cenário mundial. Dessa forma, a tese de Huntington



influenciou os debates da primeira década do século XXI de dois modos: impôs o conceito do choque de civilizações como chave de leitura dos conflitos entre os Estados Unidos e a *Al-Qaeda*; reforçou e popularizou ainda mais a noção de um mundo dividido por civilizações.

Estados Unidos e Islã: um choque civilizacional?

Em 11 de setembro de 2001, uma organização islâmica fundamentalista, a *Al-Qaeda*¹, sequestrou aviões comerciais com passageiros civis e os fez colidir contra as Torres Gêmeas, no complexo empresarial *World Trade Center*, em Nova Iorque, e contra a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia. Como resposta, os Estados Unidos, em conjunto com outros países aliados, iniciaram a Guerra ao Terror, que consiste, até hoje, em campanhas militares contra grupos terroristas e seus apoiadores, como a *Al-Qaeda*, O Estado Islâmico do Iraque e do Levante e o Talibã. Como resultado, ao longo dos anos, territórios de países no Oriente Médio, como o Afeganistão e o Iraque, foram alvos de ocupações dos exércitos estadunidenses, resultando em mortes, torturas e violações dos direitos humanos.

Esse contexto conflituoso, principalmente nos anos subsequentes aos atendados, gerou uma série de notícias e artigos a respeito do cenário político mundial. Neles, comentaristas políticos, colunistas de jornais e dirigentes de nações debateram ou referenciaram, direta ou indiretamente, o conceito de civilizações e a possibilidade delas se chocarem no atual cenário global. O momento foi aproveitado

as suas operações militares.

¹ Al-Qaeda ("a base") é uma organização fundada no final da década de 1980. Entre seus fundadores, está Osama bin Laden, membro de uma das famílias mais ricas da Arábia Saudita (bin Laden). A organização, que se proclama islâmica e de vertente fundamentalista, se divide em bases independentes ao redor do mundo, recrutando e treinando indivíduos, além de arrecadar fundos para



para que generalizações a respeito dos envolvidos no conflito fossem feitas. Como resultado, um complexo cenário político foi enquadrado em uma chave de leitura muito simplificada, opondo Ocidente e Oriente em uma nova cruzada.

Assim, nessa seção do artigo, buscaremos mostrar como essas ideias se manifestaram e de que forma elas associaram o contexto de 2001 às cruzadas. Para isso, consultamos o acervo digital do jornal *The New York Times* (NYT), que possui boa parte de suas antigas publicações digitalizadas, bem como o site do jornal *New York Post* (NYP). Além disso, utilizamos o acervo digital *NewsPaper*, que permitiu verificar dados numéricos para reforçar o nosso estudo. É a partir das discussões feitas na imprensa e dos discursos feitos pelos dirigentes políticos² que discutiremos a presença da ideia de choque de civilizações no período.

No dia 12 de setembro de 2001, o chanceler alemão Gerhard Schroeder realizou um breve discurso em apoio aos Estados Unidos em decorrência dos ataques sofridos em território norte-americano. Segundo o chanceler, aqueles que apoiavam ou refugiavam terroristas violavam os valores fundamentais da coexistência mundial. Os ataques seriam uma declaração de guerra contra o mundo livre e civilizado (VINOCUR, 2001). No dia seguinte, o secretário de estado norte-americano, Colin Powell, declarou que isso era uma guerra, e completou que não era uma guerra contra os Estados Unidos, mas contra a civilização (MORIN, 2001). Duas semanas mais tarde, o primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, afirmou que a Civilização Ocidental seria culturalmente superior à Civilização Islâmica. Suas palavras despertaram críticas por outros membros do governo italiano (VINOCUR, 2001).

Com base na declaração do chanceler alemão e do secretário de estado

² Os trechos dos discursos citados estão disponíveis nos artigos da imprensa. Os links para acessar tais artigos se encontram nas referências bibliográficas.



estadunidense, o colunista John Vinocur publicou no NYT um artigo com o seguinte título: *The New World Order is a Clash of Civilization*. No texto, o autor declarou que o ataque terrorista feito em solo americano teria sido o resultado do "choque de civilizações". A partir daquele momento, não haveria neutralidade entre os países e os indivíduos no conflito internacional do Novo Mundo. Nesse sentido, Vinocur reforçou seus argumentos afirmando que a declaração do chanceler havia definido o conflito em termos culturais. Ao lermos o discurso na íntegra, não há qualquer evidência que aponte para essa definição. De qualquer maneira, notamos que os dirigentes políticos empregaram a noção de civilização para delinear os lados envolvidos na questão. Além disso, sejam quais forem os países incluídos no grupo do Ocidente, eles seriam os representantes de uma cultura superior ou de valores considerados civilizados. Logo, todos aqueles que se opusessem a esse grupo seriam considerados como inimigos do mundo civilizado.

Em contrapartida, houve reações na imprensa acerca dessa leitura civilizacional do cenário. No dia 14 de setembro de 2001, o jornalista Thomas L. Friedman publicou no NYT uma crítica à visão de que a divisão mundial seria ditada nos próximos anos por questões culturais ou civilizacionais. Segundo o seu artigo, *Smoking Or Non-Smoking?*, a linha divisória entre os países seria o seu apoio ou não ao terrorismo. Essa decisão não seria tomada com base em parâmetros culturais. Além disso, Friedman disse que os países islâmicos viviam uma guerra civil e não uma guerra internacional contra o Ocidente. Por último, o colunista afirmou que o choque de civilizações seria uma ideia que os grupos terroristas defendiam, pois estes tentavam criar uma forte resistência contra os Estados Unidos, declarando uma guerra civilizacional entre os muçulmanos e os americanos. Ainda que Friedman se opusesse ao choque civilizacional, sua leitura levou em conta a existência de um Ocidente,



tendo os Estados Unidos o papel predominante.

Outro exemplo é o jornalista Amitav Acharya. Em seu artigo de 10 de janeiro de 2002, Clash of Civilization? No, of National Interest and Principles, ele afirmou que o ataque de 11 de setembro foi o verdadeiro teste que a tese de Huntington havia enfrentado. Um teste, aliás, do qual ela não passou. Afinal, países pertencentes ao "mundo muçulmano" teriam condenado os ataques terroristas. A Arábia Saudita, o Paquistão, o Irã e a Indonésia haviam se colocado contra Osama bin Laden. O seu posicionamento, segundo Acharya, estaria relacionado a interesses políticos, que transcenderiam qualquer identidade cultural que pudesse dividi-los. Além disso, vale lembrar que, para além das diferenças entre religiões, existe também uma divisão interna entre os próprios muçulmanos, que possuem diferentes vertentes religiosas, como o Sunismo, o Xiismo, o Sufismo e o Fundamentalismo (MERVIN, 2010). Portanto, para analisar o conflito gerado em 2001, o determinismo cultural do choque de civilizações não funcionaria, pois, além de priorizar a dimensão cultural do conflito, que não é preponderante nesse caso, ele toma erroneamente as diferentes vertentes dentro do islamismo como um só grupo monolítico, como se todos os praticantes do Islã possuíssem as mesmas crenças, práticas e agendas³.

Por último, graças ao acervo digital *Newspapers*, podemos ter uma dimensão mais ampla, com base em números, da importância do conceito de Huntington na última década. O *Newspapers* é uma plataforma online de consulta de arquivos com

³ O fundamentalismo moderno, por exemplo, originou-se em meados do século XX, a partir de movimentos religiosos de oposição à interferência estrangeira em seus países. No geral, os diversos movimentos fundamentalistas (cristãos, islâmicos, hindus, etc.) defendem o retorno à sua tradição, rejeitando ideias liberais e modernistas em suas sociedades. (CARLISLE, 2005, p. 659-660). A *Al-Qaeda* se proclama fundamentalista islâmica e emprega a violência e o terrorismo para impor seu domínio sobre os territórios no Oriente Médio, mas isso não significa que seus métodos extremamente radicais são aplicados ou aceitos por todos os grupos fundamentalistas islâmicos.

artigos

As cruzadas e as apropriações contemporâneas da Idade Média (2001-2020)

mais de 16.000 jornais, desde 1700 até os anos 2000. Realizamos uma busca com o

termo em inglês (clash of civilization). Restringimos a pesquisa aos jornais norte-

americanos, onde o tema suscitaria, por razões óbvias, maior interesse do público e

dos jornalistas. Encontramos um total de 1.930 citações do termo apenas no ano de

2001. Ao ampliarmos a busca até 2010, o número cresceu para 14.911 citações, sendo

que praticamente metade delas (7.281) se encontram em artigos da imprensa

publicados entre 2005 e 2010. Isso demonstra que o tema não foi apenas relevante

nos meses seguintes ao contexto conturbado dos ataques de 2001. A discussão em

torno da validade do paradigma de Huntington continuou ao longo da década, e não

de forma discreta.

Podemos concluir que o choque de civilizações constituiu um tema relevante

na interpretação da relação dos Estados Unidos e seus aliados com as organizações

terroristas no Oriente Médio. Como afirmamos acima, a sua relevância não se limitou

às discussões sobre o conceito diretamente. A ideia de uma cultura ampla, que

englobasse várias nações dentro de um mesmo grupo, e que relacionasse valores de

civilização, liberdade e democracia foi reforçada por dirigentes políticos. Porém, essa

Civilização Ocidental (ou Ocidente) agora lidaria com um novo inimigo. Uma suposta

ameaça externa, que trazia o risco de provocar a destruição de seu sistema

(FALCONIERI, 2015, p. 44). Bastou a escolha do uso de um termo delicado pelo

presidente George W. Bush para que o tema das cruzadas se juntasse ao suposto

embate antigo e inevitável entre o "Ocidente" e o "Oriente", em que o terrorismo seria

apenas mais uma etapa desse confronto secular civilizacional.

"Oil Crusades": os novos cruzados

Epígrafe, São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 296-329, 2021

308



Aderindo à sugestão feita pelo historiador Tommaso Falconieri, ao realizar uma pesquisa no Google com os termos "Bush", "oil" e "crusades", encontramos muitas imagens que associam essas palavras (2015, p. 55). Assim como ele o fez, destacamos a figura abaixo, que retrata o presidente George W. Bush vestido como um cruzado, ajoelhado, diante de um baluarte com a bandeira dos Estados Unidos, segurando um escudo em uma de suas mãos com a representação de uma bomba de vareta (ferramenta utilizada para a extração de petróleo) e a palavra "oil" (óleo, petróleo) abaixo dela. Ao fundo, vemos a silhueta de torres de refinaria e de edifícios com uma meia lua em seu topo, fazendo referência a um dos principais símbolos do Islã. Essa ilustração serve perfeitamente como síntese de um dos resultados da apropriação das cruzadas feita sob o contexto da Guerra ao Terrorismo, desencadeada como resposta pelos Ataques de 11 de setembro de 2001.



Imagem 1 - Referência às cruzadas no contexto da Guerra ao Terror. A imagem está disponível em vários sites na internet. Não foi possível encontrar o seu autor. A única identificação sobre o artista que a produziu é a sua suposta assinatura (*Kong*) no canto inferior esquerdo. O link para o site de onde retiramos a imagem se encontra nas referências bibliográficas.



Cabe-nos perguntar: como o conceito de cruzadas, que define as expedições realizadas por guerreiros, camponeses e aristocratas na Idade Média, associou-se à luta entre os Estados Unidos e o terrorismo em pleno século XXI? Para responder essa pergunta, analisaremos as declarações feitas por dois atores políticos centrais nos eventos desse contexto, que alardearam o mundo com o perigo de suas mensagens ao trazer um termo carregado de significado histórico e religioso em sua retórica política.

No dia 16 de setembro de 2001, o presidente George W. Bush, em um breve pronunciamento sobre os ataques da semana anterior, declarou que os norteamericanos estavam enfrentando um novo tipo de inimigo (VINOCUR, 2001). Algo bárbaro que não era visto por um longo tempo. Os Estados Unidos, uma nação de direitos e de leis, estavam sob ataque. Contudo, Bush pediu que os cidadãos americanos fossem pacientes, pois essa "cruzada", essa "guerra ao terrorismo", levaria algum tempo. Ao final, ele afirmou que todos os responsáveis, e aqueles que os acobertavam e os apoiavam, seriam trazidos à justiça (VINOCUR, 2001). Dessa forma, vemos os primeiros contornos da ideia: a ação militar promovida pelos Estados Unidos com o objetivo de combater o terrorismo foi definida pelo presidente como uma cruzada. O uso do termo provocou perturbações no cenário político. O secretário de defesa americano visitou, nos dias que se seguiram, as capitais dos países islâmicos para garantir que os Estados Unidos não possuíam nenhuma motivação anti-islâmica por trás de suas ações (VINOCUR, 2001). Por sua vez, o chanceler francês, Hubert Vedrine, afirmou que "nós devemos evitar um choque de civilizações a todo custo (...) É preciso evitar cair nessa enorme armadilha, essa monstruosa armadilha (...) concebida pelos instigadores do ataque [de 11 de



setembro]"⁴ (FORD, 2001).

De acordo com o historiador Jackson Lears, que publicou um artigo no New York Times com o título *How a War Became a Crusade*, a retórica do presidente norte-americano carregava um viés religioso desde a sua eleição. Bush afirmou, após eleito, que a obtenção do cargo presidencial fora um ato da Providência. Era a sua vontade que ele fosse escolhido para liderar os Estados Unidos (LEARS, 2003). Além disso, ao referir-se à Guerra do Iraque, iniciada em 2003 como parte da Guerra ao Terror, Bush declarou "nós não clamamos saber todos os desígnios da Providência, mas podemos confiar neles"⁵. E acrescentou: "Deus está trabalhando com os assuntos mundiais, chamando os Estados Unidos para liderar uma cruzada de libertação no Oriente Médio"⁶ (LEARS, 2003). Assim, o conflito entre as forças estadunidenses e o terrorismo foi relacionado pelo presidente a motivações religiosas, justificando as invasões aos países islâmicos como parte de uma guerra santa contra o mal que ameaçava o mundo.

Na noite do mesmo dia da declaração de Bush, em 16 de setembro, Osama bin Laden, líder e fundador da *Al-Qaeda*, transmitiu uma mensagem pela emissora de televisão *Al Jazeera*, no Qatar. Nela, ele afirmou que o mundo estava dividido em dois após os últimos eventos: os fiéis e os infiéis. Todos os muçulmanos deveriam se lançar em defesa de sua religião e garantir a vitória do Islã contra o Ocidente (SACHS, 2001). Já no dia 2 de novembro, cópias de uma carta em árabe, assinada por bin Laden e supostamente escrita por ele, foram recebidas em vários escritórios da imprensa. Segundo Susan Sachs, em seu artigo *A Nation Challenged: Jihad Message; Bin Laden Letter Calls Upon Pakistanis to Defend Islam*, a carta acusava o governo do

⁴ Tradução nossa.

⁵ Tradução nossa.

⁶ Tradução nossa.



Paquistão por ter ficado ao lado do baluarte da cruz – uma alusão aos exércitos do Ocidente – enquanto muçulmanos eram assassinados no Afeganistão. O contexto dessa afirmação foi o dos bombardeios realizados pelos Estados Unidos na Segunda Guerra do Afeganistão, em 7 de outubro de 2001, iniciando a Guerra ao Terror proclamada por George W. Bush. A carta também dizia que a cruzada contra o Islã havia se intensificado, resultando em maiores mortes dos seguidores de Maomé. Por último, o texto reafirmou o que havia sido dito na transmissão de setembro: o mundo se dividia entre aqueles que defendiam ou atacavam o Islã.

No restante de 2001 e ao longo de 2002, durante o desenvolvimento das ocupações dos exércitos estadunidenses nos territórios orientais, Osama bin Laden evocou uma série de outras referências às cruzadas. Ele comparou as ações organizadas pela OTAN, aliadas aos Estados Unidos na Guerra ao Terror, com o planejamento feito pelos reinos que lançaram a Terceira Cruzada (1189-1192). Assim, Bush foi comparado ao rei inglês que participou dessa expedição, Ricardo I (1157-1199), enquanto que os aliados dos estadunidenses foram comparados aos outros dois regentes que também participaram da cruzada, Frederico I (1122-1190), Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, e Filipe II (1165-1223), rei da França. Mais à frente, em 2006, a Al-Qaeda acusou o papa Bento XVI (2013-?) de estar preparando uma cruzada contra os países islâmicos na ocasião de sua viagem para a Turquia (FALCONIERI, 2015, p. 55). Um último exemplo dessas associações é o livro de Abdulhay Yahya Zalloum, Oil Crusades: America Through Arab Eyes, publicado em 2007. Segundo ele, a política internacional estadunidense, liderada pelo governo de Bush, fez parte de um longo e já encaminhado plano para garantir maior controle das reservas de petróleo e gás natural no Oriente Médio (p. 180). Embora não seja o nosso objetivo aprofundar a discussão, essa ideia foi a base para relacionar as



cruzadas, os Estados Unidos e o petróleo na imagem que mencionamos acima.

O que se observa nessas mensagens é a extrema generalização do contexto. Segundo bin Laden, todo o Islã estava sob ameaça estrangeira. Dessa forma, todos os seguidores deveriam apoiá-lo nessa guerra contra os invasores do Ocidente, que eram liderados pelos Estados Unidos e planejavam uma cruzada contra a religião islâmica. Aqui, vale ressaltar a generalização do Islã, em que Osama bin Laden não se dirige apenas aos seus apoiadores e ou aos praticantes do fundamentalismo: a sua mensagem é voltada para todos os muçulmanos, como se todos possuíssem as mesmas agendas e enxergassem o mundo da mesma maneira. Assim, tanto no caso de Bush quanto no de bin Laden, os atores envolvidos no episódio foram divididos em dois lados, e a religião, ou a cultura, seria o fator determinante na escolha dos aliados e inimigos. A retórica empregada por Bush, nesse sentido, acabou por favorecer com os objetivos da *Al-Qaeda*, contribuindo para que a visão generalizada do contexto internacional fosse definida como um choque entre culturas, ou um choque entre civilizações.

Podemos concluir que tanto o presente quanto o passado estavam sendo reinterpretados nessa visão "maniqueísta" do conflito. Porém, o que vemos, conforme discutido na seção anterior, é o fato de que países islâmicos, como a Arábia Saudita, o Irã, a Indonésia e o Paquistão se colocaram contra as atitudes dos grupos terroristas. O presidente paquistanês, Pervez Musharraf, condenou o terrorismo por dar ao Islã uma reputação ruim, e o seu país ofereceu suporte logístico às forças estadunidenses no combate ao terrorismo (ACHARYA, 2002). Até mesmo Samuel Huntington, em uma entrevista sobre a sua tese, afirmou que o Ataque de 11 de setembro não se tratava de um choque civilizacional, e sim de um grupo fanático realizando ataques ao mundo civilizado como um todo (VINOCUR, 2001).



Um último exemplo, explícito e ilustrativo, da narrativa envolvendo as cruzadas e as civilizações é o artigo publicado por Ralph Peters em 2003, no NYP: *The Longest Struggle; The West vs. The Middle East.* Nele, o autor afirmou que os conflitos entre o Ocidente e o Oriente Médio não eram algo recente. Eles faziam parte de uma longa disputa que opunha ambas as civilizações, Ocidental e Islâmica, desde a Idade Média. As guerras travadas nesse período nunca teriam acabado. Os conflitos assumiram diversas formas, e o que se enxergaria no século XXI seria apenas o seu prolongamento. O autor explicitamente afirma que a guerra era um choque de civilizações. Os soldados no Iraque não estariam lutando em uma cruzada religiosa, mas em uma cruzada cultural. O Oriente Médio, segundo Peters, seria uma cidadela da tirania, que deveria ser combatida sem acordos. Se o conflito era uma cruzada, não haveria porque negá-lo.

Para que essa narrativa fizesse algum sentido, o passado também precisou ser reinterpretado. Somente assim as cruzadas atenderiam às agendas políticas do contexto de 2001. Contudo, as cruzadas foram um fenômeno complexo. A começar pelo próprio termo, como já mencionado, que não possui uma definição única ou mesmo completa nas fontes medievais. No que diz respeito aos motivos, as características da Primeira Cruzada serão adequadas para ilustrar a complexidade do evento. Ela foi o resultado de fatores materiais e religiosos. Dentre eles, estariam: os esforços políticos do papa Urbano II em estreitar os laços da Igreja Católica com a Igreja Ortodoxa; a mobilização dos cristãos interessados em realizar a peregrinação a Jerusalém; a defesa dos cristãos orientais da ameaça do Oriente Próximo (FLORI, 2013, p. 305-348).

Quanto às relações entre os cruzados, não havia um exército coeso e unido sob uma mesma bandeira e nem servindo a um mesmo líder. Ao invés disso, as tropas



eram compostas de soldados vindos de múltiplos lugares da Europa, obedecendo a diferentes senhores (ASBRIDGE, 2005, p. 65). O elemento que os unia era o objetivo final: marchar para o Leste para combater os inimigos e reconquistar Jerusalém. As rivalidades entre os povos do sul e do norte da França ou os conflitos entre o imperador bizantino Aleixo I e Boemundo de Taranto, um dos principais comandantes da expedição, evidenciam a ausência de unidade política entre os cristãos (ASBRIDGE, 2005, p. 55-65). Ocorria o mesmo em relação aos povos muçulmanos no Oriente Próximo, onde diferentes líderes se engajavam em conflitos políticos internos. Eles estavam divididos e foram incapazes de cooperar para superar a ameaça dos cruzados (HILLENBRAND, 1999, p. 89-108).

Quanto ao fato das cruzadas serem um movimento europeu ou ocidental e de ataque ao Islã ou a uma suposta cultura islâmica, as próprias expedições apontam o contrário. A Quarta Cruzada (1202-1204) possuiu dois episódios em que os cruzados cercaram e saquearam duas cidades cristãs, Zara e Bizâncio. Apesar do papa Inocêncio III ter se oposto a essas atitudes e excomungado os responsáveis, ele obteve ganhos materiais com a expedição (MADDEN, 2014, p. 128-131). A Cruzada Albigense (1209-1229), por sua vez, convocada pelo mesmo papa, contou com o apoio da monarquia francesa e teve o propósito de eliminar uma heresia considerada pelo pontífice como uma ameaça à cristandade. Os confrontos ocorreram na Europa, e cristãos ocidentais foram os alvos dessas investidas militares ao invés de muçulmanos. (POWER, 2013, p. 1047-1085). Por último, mesmo que a Primeira Cruzada almejasse a reconquista de Jerusalém, houve casos de massacres e saques de comunidades judaicas na Europa, realizados por alguns grupos de cruzados (ASBRIDGE, 2005, p. 84).

Assim, as apropriações das cruzadas feitas pelos discursos terroristas foram



tentativas de generalizar o passado com o intuito de criar uma longa narrativa histórica, opondo o Islã ao Ocidente desde a Idade Média até o século XXI. Em relação ao discurso estadunidense, elas seriam expedições legítimas de defesa de valores morais, como a liberdade, democracia e a paz. Através de ações militares, elas visavam libertar o mundo da ameaça terrorista ou salvar a civilização da barbárie. Nesse sentido, o "choque de civilizações", a apropriação das cruzadas e a noção ampla de uma Civilização Ocidental se alimentaram de uma mesma estratégia: generalizar grupos de indivíduos, com base em elementos ditos "culturais" ou "civilizacionais", a fim de justificar agendas políticas. Essas generalizações são perigosas, principalmente quando um dos lados declara que a sua civilização ou a sua cultura representa o justo ou o correto a ser defendido, enquanto que o adversário é definido como o mal que deve ser combatido.

Como veremos na próxima seção, encontramos no Brasil uma interpretação positiva da cruzada muito semelhante. A despeito da América Latina fazer parte da Civilização Latina e não Ocidental, de acordo com Samuel Huntington (HUNTINGTON, 1997, p. 52-53), o conceito de Ocidente foi adotado por grupos da extrema-direita brasileira como parte da história do seu país.

Brasil e o Ocidente: as cruzadas fora do lugar

Desde 2001, a Idade Média tem sido apropriada pela imprensa e pelos meios políticos conservadores estadunidenses durante o contexto da Guerra do Terrorismo. Como vimos, o presidente George W. Bush e o seu secretário de defesa, Donald Rumsfeld, utilizaram em seus discursos o tema das cruzadas e dos bárbaros para se referir, respectivamente, aos Estados Unidos e ao terrorismo de origem fundamentalista (FALCONIERI, 2015, p. 50-51). Uma década depois, com a eleição de



Donald Trump para a presidência do país norte-americano, a expressão latina "*Deus vult*" (Deus o quer)⁷ se popularizou no discurso da extrema-direita (OLIVEIRA e RUDNITZKI, 2019). Essa tendência também foi incorporada pela extrema-direita brasileira associada ao atual governo do presidente Jair Bolsonaro (PACHÁ, 2019).

Paulo Pachá, professor de História Medieval na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), discute em uma entrevista para o jornal *El País* as apropriações da Idade Média e das cruzadas no Brasil feitas pela extrema-direita (OLIVEIRA e RUDNITZKI, 2019). Em primeiro lugar, ele afirma que esse termo engloba grupos conservadores distintos, como monarquistas e alguns grupos cristãos⁸. Em segundo lugar, explica que a Idade Média, para esses grupos, é um período idealizado, onde existiria um Ocidente unido pela fé cristã, detentor de uma cultura que seria herdada pelo Brasil graças à colonização portuguesa. Dois exemplos significativos, citados por Pachá, servem para ilustrar as apropriações das cruzadas pela direita. São duas publicações, em 2018, na rede social *Twitter*, feitas por Filipe Garcia Martins, assessor de assuntos internacionais do atual presidente. Nelas, ele diz "Está decretada a nova cruzada. Deus vult!", acompanhada de uma foto sua vestindo uma camiseta com a expressão estampada, fazendo referência ao resultado das eleições presidenciais. Já na posse do presidente Jair Bolsonaro, Filipe Garcia publicou "A nova era chegou. É tudo nosso! Deus vult!" (OLIVEIRA e RUDNITZKI, 2019).

A nossa análise da narrativa produzida no Brasil nos últimos anos partirá de duas fontes: o documentário "Brasil – A Última Cruzada" e o episódio 74 do *podcast* Guten Morgen, "Deus vult – As cruzadas salvaram o mundo". Embora esses produtos

⁷ Essa expressão, de acordo com as crônicas do período, teria sido conclamada pelas multidões após o discurso do papa Urbano II ao convocar a Primeira Cruzada em 27 de novembro de 1095.

⁸ Em linhas gerais, a direita brasileira é caracterizada pela sua reação às iniciativas democráticas, que constituem uma ameaça às instituições tradicionais do país. Dentre os grupos alinhados à essa vertente, destacam-se, a grosso modo, a igreja, os militares e as elites agrárias (CARLISLE, 2005, p. 553).



digitais não sejam o ponto de origem das ideias vinculadas neles, e talvez nem sejam as apropriações mais populares no país, eles entregam uma narrativa histórica onde os elementos que discutimos até então são mencionados e utilizados de forma semelhante. De forma clara, é possível observar qual o papel que as cruzadas e o conceito de Civilização Ocidental possuem nessa apropriação contemporânea. Além disso, outro critério importante para a escolha dessas fontes foi a circulação do seu conteúdo: os dois primeiros episódios do documentário somam um total de 3.2 milhões de visualizações. Já o *podcast*, somente na plataforma de divulgação aberta *SoundCloud*, foi reproduzido 59 mil vezes. Portanto, ambos são discursos que circularam consideravelmente no Brasil.

O Brasil Paralelo, produtora do documentário, é uma empresa brasileira fundada em 2016. Seu conteúdo possui um caráter ativista, alinhado com o discurso da direita brasileira (FUCS, 2017). Segundo seus fundadores, a empresa seria desvinculada de qualquer partido político. Esse fato é utilizado para a afirmação de que o seu conteúdo é independente e livre de tendências partidárias. Contudo, o governo de Jair Bolsonaro apoiou a empresa, permitindo com que uma de suas produções seja exibida no canal TV Escola (FILHO, 2020). Em 2018, o Brasil Paralelo publicou na plataforma online de vídeos *Youtube* um documentário de cinco episódios intitulado "Brasil – A Última Cruzada". Para os nossos objetivos, discutiremos apenas os dois primeiros episódios: "A Cruz e a Espada" e "A Vila Rica".

Durante a introdução dos episódios, os objetivos do documentário são destacados pelo apresentador. A empresa pretende distribuir "um antídoto" em todo o país, pois durante décadas o patriotismo brasileiro teria sido destruído por supostas ideologias perversas que as escolas e as mídias inseriram no "imaginário popular" do povo. Essas ideias teriam contaminado o país, fazendo com que os brasileiros



acreditassem ser um povo fadado ao fracasso, sem história e vivendo uma crise de identidade. Os jovens, por conta disso, estariam perdidos. Dessa forma, o documentário traria a verdadeira história do Brasil, resgatando as suas raízes e despertando a consciência do povo brasileiro. Seu objetivo seria o de reverter as supostas mazelas feitas na cultura brasileira nos últimos anos.

O primeiro episódio é focado na discussão da história da Europa, desde a Alta Idade Média até o período das expansões marítimas, no final do século XV. O fio condutor da narrativa é a formação e o desenvolvimento da Civilização Ocidental, da qual o Brasil faria parte graças ao seu legado trazido pelos portugueses no período da colonização. A identidade brasileira, portanto, se relacionaria com a Idade Média. Nessa proposta, as cruzadas desempenham um papel fundamental. Contudo, antes de as discutirmos, será necessário abordarmos o tema da Civilização Ocidental, pois essa ideia está intrinsecamente relacionada com as expedições. Para isso, avançaremos a análise ao segundo episódio, para depois retornarmos ao primeiro.

O episódio "A Vila Rica" discute os primeiros séculos da colonização da América pelos portugueses. Ela trata dos contatos entre os povos indígenas americanos e os europeus, as companhias religiosas, a escravidão e a organização política da colônia. O episódio se encerra no governo de Marquês de Pombal, com a expulsão da Companhia de Jesus (1759). A relação entre esses diferentes atores, principalmente as de dimensão intercontinental, é permeada pela noção de Civilização Ocidental. Segundo o narrador, o jesuíta Manuel de Nóbrega teria sido encarregado de trazer a semente da Civilização Ocidental para a América (BRASIL PARALELO, 2017, 25m02s). Para Rafael Nogueira, um dos convidados do documentário, uma civilização seria definida como um ciclo cultural contínuo, mantida e transmitida de geração em geração através do tempo (25m23s). A religião desempenharia um papel central, pois



não existiria civilização sem um mito de origem, e esse mito estaria vinculado à esfera da religiosidade (25m14s).

No caso da Civilização Ocidental, a religião cristã seria a base dos valores morais da sociedade. Ela teria sido influenciada por valores greco-romanos, criando a ideia de uma origem milenar do Ocidente. O perdão, o auto sacrifício e a caridade seriam exemplos dos valores cultivados na cultura ocidental (26m03s). Essa civilização seria o ponto mais alto que a humanidade teria chegado (30m41s). O Brasil seria fruto disso. E o seu processo de colonização é visto como um processo de expansão da cultura cristã do Ocidente, que, ao se deparar com culturas indígenas, precisou impor os seus valores. Afinal, como afirmou o convidado Olavo de Carvalho, enquanto o Ocidente possuiria uma tradição milenar, com produções textuais e discussões sobre a sua cultura, os povos indígenas não teriam sequer um alfabeto. Para ele, o parâmetro ocidental para avaliar outra cultura seria racionalmente defensável. Não haveria como permanecer na neutralidade (30m10s).

Essas definições de civilização e do Ocidente possuem semelhanças com a tese do "choque de civilizações" de Samuel Huntington. Em primeiro lugar, o documentário define o contato entre os povos na América em termos de conflitos culturais. Seriam duas culturas distintas, rígidas, que não se alterariam quando deparadas com a adversidade. Como resultado, haveria um confronto até que uma delas triunfasse. No caso dessa narrativa, foi a cultura ocidental que venceu, sendo ela considerada superior a todas as outras. Outro ponto em comum é o papel fundamental da religião para a formação de uma identidade civilizacional. Os gregos, os romanos, os reinos bárbaros, Portugal e o Brasil. Todos eles teriam um mesmo mito de origem, baseado no cristianismo e nos valores morais associados a ele.



A partir dessa definição de Civilização Ocidental, como as cruzadas foram inseridas na narrativa da história do Brasil? De acordo com o documentário, em 732, na Batalha de Poitiers, Carlos Martel lutou uma guerra santa em defesa da Civilização Ocidental⁹. Diante dos invasores muçulmanos vindos da Península Ibérica, ele teria treinado um exército de bárbaros para defender a cultura ocidental (13m36s). Quase quatro séculos depois, a Europa Ocidental teria respondido à agressão imperialista muçulmana através da Primeira Cruzada (18m50s). E assim, essa expedição, bem como as dos séculos posteriores, seriam formas de defender seus territórios e reconquistar terras perdidas aos muçulmanos. Uma das consequências das cruzadas foi a criação das ordens religiosas, como a dos Templários ou dos Hospitalários. Elas são importantes na narrativa, pois fortalecem a imagem de nobreza, devoção e religiosidade de Portugal quando o rei português decidiu não entregar os templários ao papa. Traços exaltados e valorizados como parte da herança que o Brasil possui de seus ancestrais portugueses (28m14s).

Sobre o título do documentário (Brasil – A Última Cruzada), há duas interpretações para o seu significado: o primeiro deles foi descrito no artigo de Carvalho e de Rovida, em que os movimentos milenaristas modernos são analisados. O significado estaria relacionado com o combate atual dos brasileiros em defesa de sua cultura e de seu passado, convocado pelo Brasil Paralelo e feito através do apoio financeiro para novas produções (CARVALO e ROVIDA, 2018, p.10). O segundo significado, entretanto, diz respeito à comparação feita entre o empreendimento das

_

⁹ Carlos Martel (688-741) foi um prefeito do Palácio durante a Dinastia Merovíngia. Ao se discutir a Alta Idade Média, ele é muito relembrado pela sua vitória na Batalha de Poitiers, em 732, em que liderou exércitos num conflito militar contra tropas muçulmanas, contendo a expansão islâmica que vinha ocorrendo há décadas e chegara no continente europeu. Portanto, tanto ele quanto o evento são utilizados pela apropriação em questão como um marco da vitória do Ocidente contra a invasão dos bárbaros muçulmanos do Oriente.



navegações e as expedições militares em Jerusalém. Assim como nas cruzadas, em que os soldados cristãos teriam marchado em defesa do Ocidente, os portugueses se lançavam aos mares e lutavam na América para que a colonização obtivesse sucesso e a Civilização Ocidental pudesse ser desenvolvida no Novo Mundo. A última cruzada, dessa forma, poderia ser esse movimento de expansão dos séculos XV, XVI e XVII, como também a defesa do passado nacional (e ocidental) no século XXI.

A nossa próxima fonte possui muitas semelhanças com o que foi discutido até então. "Deus vult – As Cruzadas salvaram o mundo" é um dos episódios do *podcast* ''*Guten* Morgen'', produzido pelo site "Senso Incomum". De acordo com a sua página, o site é um portal de notícias que se coloca contra supostos pensamentos comuns e tendências presentes na imprensa brasileira. Um dos seus objetivos seria criar um diálogo entre o Brasil e o Ocidente. Desde o título do programa, vemos o tratamento positivo dado às expedições militares. A proposta do apresentador e único participante, Flavio Morgenstern, é a de apresentar a verdade acerca do que foram as cruzadas. Da mesma forma que o documentário, a imprensa brasileira é acusada de ser partidária de ideologias, promovendo uma imagem errada e distorcida do tema (02m40s).

O recorte do programa se concentra no período da Idade Média. A primeira semelhança consiste na Batalha de Poitiers sendo considerada como uma defesa do Ocidente e de sua cultura, que estariam ameaçados por uma "legião de bárbaros" que invadia a Europa e que transformaria a cultura ocidental em uma nova cultura (07m16s). Após essa introdução, há uma exposição daquilo que seria a história do Oriente. A religião islâmica e os seus costumes são resumidos em práticas de violência e opressão, como torturas aos cristãos, conversões forçadas, impostos exorbitantes e a livre prática do estupro de mulheres (39:00m). Sendo assim, durante



um quarto do programa, o apresentador busca construir uma imagem radicalmente negativa e generalizada dos povos muçulmanos, delineando aos poucos uma justificativa para que as cruzadas ocorressem. Os cruzados teriam ido ao Oriente resgatar todos os oprimidos pelos muçulmanos. Logo, com base nessa argumentação, conclui-se que ação dos cristãos não deveria ser condenada, pois os cruzados teriam freado a expansão islâmica (18m02s) e impedido que tais valores se impusessem no Ocidente. Inclusive, o uso da expressão "Deus vult", que foi retomada pela extrema-direita brasileira, é considerada pelo apresentador como uma ação que merece elogios (1h26m20s). Afinal, ela seria a retomada dos valores ocidentais. Por fim, ele equipara duas vezes os cruzados com os soldados que combateram os nazistas, tentando legitimar moralmente o combate feito nas cruzadas (01h27m e 01h32m).

Ambas as narrativas, tanto a apresentada no documentário quanto no *podcast*, definem as cruzadas como um elemento positivo da Civilização Ocidental. Foram movimentos de defesa à cultura do Ocidente, e não devem ser consideradas como injustas, agressivas ou condenáveis. Em contrapartida, as sociedades muçulmanas, seja na Península Ibérica como no Oriente Médio, são definidas como bárbaras e associadas a valores negativos, como a violência, a profanação e a intolerância. Dessa maneira, os cristãos, pertencentes a uma cultura milenar, legada da Grécia e do Império Romano, resistiram durante séculos contra a dominação muçulmana, impedindo que a Civilização Ocidental acabasse e permitindo que se espalhasse para o outro lado do Atlântico.

Por último, cabe ressaltar a influência que o conceito de "choque de civilizações" continuou exercendo mesmo após quinze anos desde a sua reintrodução no debate político. O Brasil foi colocado pelas narrativas como parte do Ocidente.



Suas raízes foram associadas a traços culturais extremamente generalizados e quase imutáveis ao longo do tempo. Nesse sentido, as cruzadas continuaram a ser entendidas como um choque de civilizações. A sua complexidade foi novamente colocada de lado, e seus contextos foram distorcidos para fabricar uma longa e heróica narrativa da história do Ocidente. Dentro dela, a negativação das sociedades muçulmanas e o inevitável embate entre o Ocidente e o Islã, presente na tese de Huntington, são uma constante. Logo, não seria um exagero pensar que parte dessa representação do Oriente e da naturalização desse conflito sejam permanências dos preconceitos e dos debates presentes no contexto de 2001, quando vemos nascer uma nova apropriação das cruzadas: as expedições como conflitos civilizacionais.

Conclusão

Desde que Jerusalém foi conquistada pelos cristãos, em 15 de julho de 1099, a expedição responsável por esse acontecimento serviu como base para interpretações das mais diversas. Se a ideia moderna de cruzada possui uma tradição relativamente recente, as apropriações acerca dela, por outro lado, surgiram em menos de uma década após seu fim. Guiberto de Nogent, entre 1108 e 1109, escrevia sua obra *Dei Gesta per Francos*, onde relatava como os francos, com o apoio dos demais cristãos, marcharam para o Santo Sepulcro sob a ordem direta de Deus. Eles seriam o povo eleito para conquistar a cidade sagrada de Jerusalém e, mesmo com desvantagens numéricas e tantos outros percalços durante a missão, Deus os teria protegido e teria garantido que vencessem todas as batalhas contra os exércitos inimigos (GARAND, 1998).

Sendo assim, as expedições militares chamadas de cruzadas sempre foram um objeto de apropriação para a defesa de ideias ou para construções de narrativas



históricas. A relação com a noção de guerra santa, ou de guerra justa, contribuiu para que as expedições servissem como sinônimo de lutas a favor de valores ditos nobres e virtuosos, como o combate ao infiel ou o terrorismo que ameaça o mundo. Essa característica dualista e distorcida das cruzadas foi e ainda é explorada para a definição de identidades coletivas. Assim, haveria o "nós" e o "eles", os "cristãos" e os "muçulmanos" ou o "Ocidente" e o "Oriente". Categorias generalizadas, que simplificam propositalmente complexas relações e trocas culturais, reduzindo-as a amplos grupos homogêneos e inconciliáveis entre si.

Dessa forma, o nosso estudo visou contribuir para o entendimento de como os conceitos contemporâneos de "civilização", "Ocidente" e "Oriente" foram utilizados no século XXI para reinterpretar as cruzadas e redefinir relações interculturais. Além disso, ao discutirmos a obra e influência de Samuel Huntington fora da academia, quisemos demonstrar que, por mais simples e superficiais que os discursos de apropriações possam ser, e que por mais fácil que seja para a historiografia desconstruí-los, eles são perigosos, pois, enquanto tentam deslegitimar o papel do historiador e da pesquisa historiográfica, constroem seus argumentos se apropriando de debates e conceitos nascidos no ambiente acadêmico. As cruzadas se encerraram na Idade Média. Contudo, a sua capacidade de atrair e de mobilizar grupos permanece viva até os dias de hoje.

Referências bibliográficas:

Fontes primárias:

GARAND, Monique-Cécile. **Geste de Dieu par les francs: Histoire de la Première Croisade**. Turnhout: Brepols, 1998.



As cruzadas e as apropriações contemporâneas da Idade Média (2001-2020)

Obras, artigos e teses:

ASBRIDGE, Thomas. The First Crusade. A New History. Londres: Free Press, 2005.

CARLISLE, Rodney P. **The Encyclopedia of Politics: The Left and the Right. Volume 2: The Right.** Califórnia: Sage Publications, 2005.

CARVALHO, Roldão Pires; ROVIDA, Mara. **Os Movimentos Milenaristas Modernos. Uma Análise Sobre o Discurso da Propaganda Ideológica**. *In*: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Belo Horizonte: Intercom, 2018, p.1-13.

FALCONIERI, Tommaso di Carpegna. **Médiéval et militant. Penser le contemporain à travers le Moyen Âge**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2015.

FLORI, Jean. **Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

HILLENBRAND, Carole. **The crusades. Islamic Perspectives**. Nova Iorque: Routledge, 1999.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MADDEN, Thomas F.. **The concise history of the crusades**. Nova lorque: Rowman & Littlefield, 2014.

MERVIN, Sabrina. **Histoire de l'Islam: Fondements et doctrines**. Paris: Flammarion, 2010.

POWER, Daniel. **Who Went on the Albigensian Crusade?** English Historical Review, v. 128, p.1047-1085, 2013.



TUSICISNY, Andrej. **Civilizational Conflicts: More Frequent, Longer, and Bloodier?** Journal of Peace Research, v. 41, n. 4, p. 485-498, 2014.

TYERMAN, Christopher. **The debate on the crusades**. Manchester: Manchester University Press, 2011.

_____. **The Crusades. A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. **The invention of the crusades**. Nova lorque: Palgrave Macmillan, 1998.

Imagens:

Imagem 1: Referência às cruzadas no contexto da Guerra ao Terror. Imagem disponível em: https://www.think.cz/english/conspiracies/countdown-to-armegeddon. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Artigos de imprensa:

ACHARYA, Amitav. Clash of Civilizations? No, of National Interests and Principles. The New York Times, 2002. Disponível em: https://www.nytimes.com/2002/01/10/opinion/IHT-clash-of-civilizationsno-of-national-interests-and-principles.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

FILHO, João. Todos nessa foto prometeram jamais receber dinheiro do governo. A maioria recebeu. The Intercept Brasil, 2020. Disponível em: https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

FRIEDMAN, Thomas L.. **Smoking Or Non-Smoking?** The New York Times, 2001. Disponível em: https://www.nytimes.com/2001/09/14/opinion/foreign-affairs-



As cruzadas e as apropriações contemporâneas da Idade Média (2001-2020) smoking-or-non-smoking.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

FUCS, José. **A 'máquina' barulhenta da direita na internet**. Estadão, 2017. Disponível em: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-maquina-barulhenta-da-direita-na-internet,70001714254. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

LEARS, Jackson. **How a War Became a Crusade**. The New York Times, 2003. Disponível em: https://www.nytimes.com/2003/03/11/opinion/how-a-war-became-a-crusade.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

PACHÁ, Paulo H. C.. Why the brazilian far right loves the european Middle Ages. Pacific Standard, 2019. Disponível em: https://psmag.com/ideas/why-the-brazilian-far-right-is-obsessed-with-the-crusades. Acesso em: 05 de fev. de 2021.

PETERS, Ralph. The longest struggle; The West vs. The Middle East. New York Post, 2003. Disponível em: https://nypost.com/2003/10/19/the-longest-struggle-the-west-vs-the-middle-east. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

OLIVEIRA, Rafael; RUDNITZKI, Ethel. **Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita.** El País Brasil, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/30/politica/1556658788_493763.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

ORIN, Deborah. **Bush vows to win the war.** New York Post, 2001. Disponível em: https://nypost.com/2001/09/13/bush-vows-to-win-the-war. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

SACHS, Susan. A Nation Challenged: Jihad Message; Bin Laden Letter Calls Upon Pakistanis to Defend Islam. The New York Times, 2001. Disponível em:



https://www.nytimes.com/2001/11/02/world/nation-challenged-jihad-message-bin-laden-letter-calls-upon-pakistanis-defend.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

SEN, Amartya. **A World Not Neatly Divided.** The New York Times, 2001. Disponível em: https://www.nytimes.com/2001/11/23/opinion/a-world-not-neatly-divided.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

VINOCUR, John. Taboos **Are Put to Test in West's View of Islam.** The New York Times, 2001. Disponível em: https://www.nytimes.com/2001/10/09/news/taboos-are-put-to-test-in-wests-view-of-islam.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

VINOCUR, John. **The New World Order Is a Clash of Civilization**. The New York Times, 2001. Disponível em: https://www.nytimes.com/2001/09/13/news/the-new-world-order-is-a-clash-of-civilizations.html. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Documentário "Brasil - A Última Cruzada":

Episódio 1, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Episódio 2, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Podcast "Guten Morgen 74: Deus Vult - Como as Cruzadas salvaram o mundo":

Disponível em: https://sensoincomum.org/2019/04/05/guten-morgen-74-deus-vult-cruzadas-salvaram-mundo. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Arquivo digital de jornais Newspaper:

Disponível em: https://www.newspapers.com. Acesso em: 7 de jun. de 2020.